

O RETRATO: A IMPLANTAÇÃO DO ESTADO MODERNO

EL RETRATO: LA IMPLEMENTACIÓN DEL ESTADO MODERNO

DOI 10.5281/zenodo.10590450

Alexandre Ricardo Lobo de Sousa¹

Resumo: O Retrato, de 1951 é o segundo livro da trilogia de Erico Verissimo o Tempo e o Vento. Trata-se de um Romance Histórico, uma literatura, com a liberdade da imaginação literária, personagens fictícios e fatos fictícios, balizada por personagens reais e acontecimentos históricos. A narrativa foca-se na ficção que interagem com personagens históricos. Neste volume acompanhamos a trajetória política de Rodrigo Terra Cambará, bisneto do lendário Capitão Rodrigo, e também a formação do Estado Brasileiro no início do século XX. O Romance, por meio de suas personagens, retrata a passagem do Brasil da República Velha, marcado pelo patriarcalismo dos coronéis, pecuaristas gaúchos envolvidos nas relações de poder a partir dos interesses locais, próprios de um mundo rural e arcaico, a um mundo urbano e moderno. Assim, o cavalo é trocado pelo automóvel, mesmo com a resistência de parte da elite local. A classe dominante se diversifica, surgem o comerciante e o industrial. E o Estado, que antes era um corpo estranho à sociedade, aparato de além-mar e o cobrador de impostos de Maneco Terra de o Continente, agora é um local de disputa. Os novos grupos da classe dominante são os elementos que compõe o Estado brasileiro que se consolida.

Palavras-chave: Patrimonialismo. Estado. Modernização. Romance histórico.

Resumen: O Retrato, de 1951, es el segundo libro de la trilogía o Tempo e o Vento de Erico Verissimo. Es un Romance Histórico, una literatura, con la libertad de la imaginación literaria, de los personajes ficticios y de los hechos ficticios, guiada por personajes reales y acontecimientos históricos. La narrativa se centra en la ficción que interactúa con personajes históricos. En este volumen seguimos la trayectoria política de Rodrigo Terra Cambará, bisneto del legendario Capitán Rodrigo, y también la formación del Estado brasileño a principios del siglo XX. El Romance, a través de sus personajes, retrata la transición de Brasil desde la Antigua República, marcada por el patriarcalismo de los coroneles, ganaderos de Rio Grande do Sul involucrados en relaciones de poder basadas en intereses locales, propios de un mundo rural y arcaico, hacia un mundo urbano. y moderno. Así, el caballo se cambia por el automóvil, incluso con la resistencia de parte de la élite local. La clase dominante se diversifica, surgen comerciantes e industriales. Y el Estado, que antes era un cuerpo extraño a la sociedad, un aparato de ultramar y el recaudador de impuestos de Maneco Terra del Continente, es ahora un lugar de disputa. Los nuevos grupos de la clase dominante son los elementos que componen el Estado brasileño que se está consolidando.

Palabras-clave: Patrimonialismo. Estado. Modernización. Novela histórica.

¹ Possui doutorado em Literatura Brasileira, Mestrado e Licenciatura Plena em História, e Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realiza pesquisas nas áreas de História, Literatura e Sociologia, com enfoque nas questões relativas ao trabalho, às desigualdades sociais e às formas de participação política. Tem experiência docente no Ensino Médio, Superior e Pós-graduação. Atualmente, é professor efetivo no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS - Campus Osório. E-mail: aleandre.sousa@osorio.ifrs.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2119008180783257>.

Introdução

O presente texto é parte de minha tese de doutorado em Literatura Brasileira em que procurei mostrar como Érico Veríssimo acompanha, de forma literária, a formação, criação do Estado Brasileiro a partir da obra *O tempo e o Vento*. Cada um de seus três livros representam um momento histórico. *O Continente* mostra a formação do Estado Brasileiro na perspectiva do Rio Grande do Sul. Enquanto *O Retrato* mostraria a implantação do Estado, *O Continente* seria sua consolidação. Um dos objetivos da tese foi mostrar o diálogo de uma obra literária, entendida como Romance Histórico, com a História a partir da obra de Erico Veríssimo. Nesse capítulo em específico, abordo “*O Retrato*”.

Erico Verissimo escreveu *O Retrato*, segunda parte de *O Tempo e o Vento*, em 1950 e o publicou em 1951. Era o momento da transição do governo do General Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático, para o novo governo de Getúlio Vargas, do Partido Trabalhista Brasileiro. Vivia-se o segundo processo eleitoral depois do fim do Estado Novo. O Governo de Dutra, que finalizava, ficou marcado por uma política de alinhamento aos Estados Unidos da América no contexto da Guerra Fria, na defesa do capitalismo liberal contra o estatismo socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e por liberar as importações de bens em geral. (FAUSTO, 2010, p. 363) No Rio Grande do Sul, o governo de Walter Só Jobim, também do PSD, que havia promovido a eletrificação e ampliado o sistema rodoviário, era substituído pelo de General Ernesto Dorneles, do mesmo partido que Getúlio. Essas eleições, embora excluíssem os analfabetos, ocorreram em um regime formalmente democrático com voto secreto e inclusivo às mulheres.

Para a análise das transformações ocorridas em Santa Fé de *O Continente* para *O Retrato*, a análise foi feita em três eixos: o social, o político e o cultural. No primeiro, busco entender as mudanças nas configurações sociais de Santa Fé. Uso o termo classe social no sentido marxista referente a um grupo detentor dos meios de produção. Mas,

como uma classe não é homogênea, também me apoio de outros termos que indiquem uma estratificação social relativa à posição política ou ao setor econômico. O aspecto político refere-se às relações de poder em Santa Fé, e como essas relações ocorrem, bem como as várias instâncias do poder político, da relação local à relação central. No aspecto cultural é abordada a mudança de visão de mundo das personagens, seus valores, suas ideias e práticas culturais, acompanhando o progresso tecnológico e político, de uma cultura própria ao mundo rural para uma urbana e influenciada pela nacional e pela europeia por meio da imprensa, do rádio e do cinema. Na tese, analiso a personagem chave do episódio, Rodrigo Cambará, neto do incônico Rodrigo Cambará. Sua figura representa uma classe em transformação, saindo do meio rural e adentrando no mundo urbano. Entretanto, por questões de espaço para a presente publicação, essa parte foi suprimida.

A História dentro do Romance

Enquanto romance histórico, *O Retrato* é pontuado por acontecimentos e personalidades da História não ficcional. Segundo Maria da Glória Bordini, para a composição do romance, o autor realizou pesquisas no jornal *Correio do Povo* entre os números de 1910 a 1915 e na revista *L'illustration*, de 1909 e 1910. (BORDINI, 2004c, p. 117) Há uma minuciosa pesquisa que possibilitou a seleção de elementos da História, como personagens e acontecimentos. Assim, esses elementos funcionaram como parâmetros para o romance, ressaltando-lhe a veracidade de seu enredo. Se na História, esses elementos devem aproximar-se da realidade, por meio de documentação, e o historiador deve comprometer-se com a fidelidade na relação entre o que narra e o fato narrado, na literatura, a narrativa diferencia-se principalmente pela ausência da necessidade de referências a documentos. No romance, para a sua composição, os acontecimentos e personalidades são ficcionalizados. Enquanto personagens ficcionais, podem manter características que lembrem a personagem histórica. Mas essas características são referenciais à realidade e não a fatores limitadores da imaginação do romancista. É assim que ocorre com o período histórico República Velha e seus

personagens. Enquanto elemento interno do romance, Hermes da Fonseca, Assis Brasil ou Pinheiro Machado, personagens de ficção e com papéis secundários, compõem O Retrato. Entre suas funções está a de estabelecer uma referência temporal. Eles estão inserindo Santa Fé no contexto da História do Brasil e também do Rio Grande do Sul. Estão marcando um período histórico em que as eleições, com o voto a descoberto, ocorriam por fraudes e por coerções, características da República Velha.

Logo no primeiro capítulo Chantecler, temos referências históricas. Quando Rodrigo está no trem, de regresso a Santa Fé, escuta conversas dos passageiros que se referem ao temor do fim do mundo pela passagem do cometa Halley. Um passageiro, para ressaltar o apocalipse, fala da desordem do mundo em que estava vivendo: “O senhor se lembra do que aconteceu na Rússia há cinco anos? O czar mandou massacrar o povo,” (VERISSIMO, 2005c, p. 74”) Era uma referência à Revolução Russa de 1905, iniciada quando a população se manifesta contra a guerra Rússia-Japão e cujo resultado foi a formação de um parlamento russo em um país que era até então absolutista.

Mas não eram só acontecimentos internacionais pontuados pela conversa dos passageiros. A história nacional aparece nas falas: “E a vergonha de Canudos.” (idem) Ou a de um outro personagem: “E a história da vacina obrigatória?” (VERISSIMO, 2005c, p. 75) Trata-se da Lei da Vacina Obrigatória, proposta pelo médico sanitário Oswaldo Cruz, de 1904, que obrigou a população a receber em sua casa agentes de saúde com a incumbência de aplicar a vacina contra varíola. A população, frente aos abusos e entendendo que tinha a privacidade ameaçada, revoltou-se.

Pontuando também o episódio pelas das revoltas populares, aparecem citadas a Revolta dos Marinheiros – a Chibata – (VERISSIMO, 2005d, p. 122) e Canudos. (VERISSIMO, 2005d, p. 138) Canudos foi um movimento messiânico no interior da Bahia, anterior ao episódio narrado, liderado pelo beato Antônio Conselheiro, que foi exterminado em abril de 1897, após quatro tentativas federais de acabar com a cidade, Belo Monte, dos seguidores de Conselheiro. Embora sejam apenas citadas, o aparecimento destas revoltas tem dupla função, uma é situar historicamente O Retrato,

outra é a de apontar, ainda que indiretamente, problemas sociais como as condições de vida das classes subalternas e também o problema da distribuição da terra, como é o caso específico de Canudos. Além disto, elas também situam Santa Fé em um contexto nacional.

Há também referências à História pela voz do narrador. Um narrador onisciente situa o episódio nos acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul. Há então a referência à fundação do Partido Democrático, em 1908, dissidência do Partido Republicano, por Assis Brasil, a partir da Convenção de Santa Maria. E este acontecimento histórico, ficcionalizado, terá influência nas personagens de *O Retrato*. Os Cambarás acompanham essa dissidência a ponto de tornarem-se partidários de Assis Brasil e rompem com os republicanos.

Além das personagens históricas, há também referências ao jornal *Correio do Povo* que, dentro do romance, é uma fonte de informação e anuncia a vitória de Hermes da Fonseca. O *Correio do Povo* tem função distinta em relação aos jornais locais de Santa Fé. Enquanto *A Farpa* ou *a Voz Serrana* têm funções claramente políticas e cumprem interesses pessoais dos chefes políticos da cidade, o *Correio do Povo*, além de informar as personagens, serve também para situá-las historicamente e ligá-las ao mundo externo a Santa Fé. É principalmente por meio dele que os habitantes da cidade ficam sabendo o que ocorre no Brasil e no mundo.

É com a visita do Senador Pinheiro Machado ao Sobrado que a História se faz presente de forma mais incisiva em *O Retrato*. Pelo narrador ficamos sabendo que, naquele momento, o senador vestia “botas, bombachas, casaco de casimira escura, chapéu de feltro negro, e um pala de seda enrolado no pescoço e enrolado por cima do ombro.” (VERISSIMO, 2005d, p. 89). Mas as características não são só físicas, os adjetivos sedutor e convivente, paternal também contribuem para transformar a personagem histórica em ficcional. O narrador também fornece uma avaliação geral de Pinheiro Machado: “tinha como poucos o senso de autoridade combinado com o da oportunidade, e mesmo os que não o amavam (e estes eram legião) não deixavam de

respeitá-lo ou admirá-lo.” (VERISSIMO, 2005d, p. 90). Assim, narração ficcional relaciona-se com a história, mas sem deixar que esta lhe domine. Pinheiro Machado, ao ganhar adjetivos, desprende-se da personagem histórica.

Em *A Sombra de um Anjo*, temos uma nova referência a um movimento popular de caráter messiânico. Trata-se da Guerra do Contestado. As rebeliões populares não são o foco narrativo da obra, mas nem por isso podem ficar de fora. De certa forma, elas também ligam o microcosmos Santa Fé ao macrocosmos Brasil. As revoltas de Canudos e Contestado são citadas, mas não são desenvolvidas dentro da narrativa de *O Retrato*. E nem poderiam. Se *O Tempo e o Vento* é, de certa forma, assim como *Os Donos do Poder*, a história da formação de uma elite, incluir os excluídos nessa história, além de contrassenso, seria demagógico. É a ausência que faz a denúncia. Os escravos ou os operários não estão no lado dos que tomam as decisões por todos. Mas, para mostrar que eles existem, Erico os cita: são os escravos cujo cheiro incomodava Bibiana por ocasião da abolição, é o motorista Beto, ou as empregadas domésticas do Sobrado e suas filhas a servirem os Terra Cambará, inclusive, por vezes, até sexualmente. E é importante que elas apareçam, pois marcam a presença de populares na construção da História do Brasil.

Não só as personagens como os acontecimentos históricos também são pontuados pelos protagonistas de *O Retrato*. Marcando a vitória de Wenceslau Brás para presidente, num de seus devaneios, Rodrigo Cambará vê-se dialogando com o presidenciável Pinheiro Machado. Enquanto o Senador pita um “criolo” (cigarro de palha), fala que sua candidatura foi um erro e que, para contento popular, foi bom que perdesse.

Santa Fé não está ligada apenas à política do Brasil ou do Rio Grande do Sul. Na questão internacional, os jornais trazem notícias da Primeira Guerra Mundial: “um submarino alemão torpedara em águas da Irlanda o transatlântico Lusitânia, causando a morte de 1153 passageiros.” (VERISSIMO, 2005d, p. 214) O mundo em guerras, embora sem relação direta com as personagens de *O Retrato*, e sem compor sua narrativa, também tem importância enquanto referência para as personagens. Rodrigo transporta

o conflito para Santa Fé ao transferir os sentimentos de revolta contra a Alemanha de Guilherme II para os alemães de sua cidade, mas, ironicamente, não controla sua atração por uma austríaca de vinte anos.

Assim como na História ocorrem mudanças, o mesmo ocorre no romance. No mundo em que se insere Santa Fé, há uma troca de personalidades no poder do Estado do Rio Grande do Sul: “Borges de Medeiros, que estava gravemente enfermo, passara o governo ao vice presidente gen. Salvador Pinheiro Machado” (VERISSIMO, 2005b, p. 267) Embora Erico Verissimo não explicita, é importante não confundir o vice-presidente, vice-governador de então, com seu irmão, o Senador José Gomes Pinheiro Machado, que seria assassinado pouco depois.

A correspondência entre os fatos e personagens históricos com os literários dão a veracidade a *O Tempo e o Vento*. O romance absorve a História, mas sem desfigurá-la, sem distorcer-lhe, e, ao mesmo tempo, ao torná-la ficção, dando concretude a Pinheiro Machado, não é por ela absorvido.

O Mundo de Santa Fé em O Retrato

O mundo de Santa Fé, nas primeiras décadas do século XX, é o de transição entre o arcaico, com pouco desenvolvimento tecnológico, rural e com uma política pautada principalmente nas relações pessoais, um mundo dominado por coronéis e suas políticas personalistas e patriarcalistas, para o moderno, com suas tecnologias, com eletricidade e conforto do banho elétrico, com o automóvel e o trem encurtando distância, e, principalmente, a impessoalidade do poder político. Mas essa transformação recém inicia-se, e necessitará de muito tempo para consolidar-se. E nesse processo, em diversas fases, o novo convive com o antigo, não como contradição, mas como complemento.

As transformações ocorrem em diversos planos. No plano social, diversificam-se as categorias sociais em Santa Fé. No plano político, as transformações ocorrem principalmente no fim do monopólio político de uma única família Amaral, representado

uma nova forma de governo, uma nova relação entre governados e governo. Já no plano cultural, mudaram atitudes e comportamento, de um mundo em que as pessoas seguiam um código de honra em que a palavra tinha tanto valor quanto o registro, para um mundo dominado pela tecnologia e pela burocracia.

Aspectos sociais

Em termos de estratificação social, até O Sobrado, o topo da pirâmide social de Santa Fé era ocupado por duas famílias politicamente dominantes, os Amarais e os Cambarás. E estas eram ligadas ao setor rural. Os subordinados, classe dominada, eram os ex-escravos empregados das grandes casas familiares, e os peões que trabalhavam na fazenda. Em O Retrato, assim como O Continente, as personagens oriundas das classes dominadas ocupam papéis secundários. Não porque não possuem importância ou sejam coadjuvantes da história, mas porque são secundários, ou mesmo ausentes, na partilha do poder. Assim como houve escravos trabalhando no Sobrado, também houve trabalhadores domésticos, oriundos ou não dos escravos. São eles que mantêm a grande casa funcionando, são eles que fazem a comida, alimentando os Terra, são eles que conservam a grande residência limpa e arejada. Foram eles que tiraram o cheiro dos escravos quando estes foram libertos, ou dos peões quando o Sobrado fora sitiado na Revolução Federalista.

Entretanto, na Santa Fé de O Retrato, a composição das camadas sociais sofre uma diversificação, e o contraste social ganha aspecto geográfico. Os subalternos de O Continente amontoam-se nas redondezas das casas de seus senhores, mas, em O Retrato, passam a residir em bairros periféricos. Ao crescer, Santa Fé também expõe a pobreza. O Bairro Preto, das classes pobres, era um lugar onde sempre havia tiroteio. Outro bairro pobre em Santa Fé é o Sibéria, na zona mais fria da cidade, em referência à região ártica da Rússia, onde iam os presos políticos condenados a trabalhos forçados pela polícia de Stálin. Em Santa Fé, “dava-se o nome Sibéria a um agrupamento de ranchos miseráveis situados no alto duma coxilha, a leste da cidade. A denominação

vinha do fato de ser aquela a zona mais fria de Santa Fé”. (VERISSIMO, 2005d, p. 100) Estes bairros, ausentes em O Continente, não são cenários principais da narrativa, mas, ao serem referidos, marcam o contraste social da cidade.

O narrador de O Retrato, em Chantecler, descreve a alta sociedade de Santa Fé por ocasião da festa de fim de ano. O réveillon possui uma nova composição. As classes privilegiadas, presentes no Clube Comercial, agora são compostas por fazendeiros e comerciantes abastados, que “moravam em sólidas e vastas casas situadas numa das duas praças principais da cidade ou na rua do comércio.” (VERISSIMO, 2005c, p. 161) Já não são somente proprietários rurais que possuem residências que revelam poder econômico. E a geografia da cidade demarca essa nova zona do poder. A rua principal, do Comércio, torna-se privilégio de poucos. As praças também têm o papel demarcador social. É comum encontrar em torno de uma praça central, de cidade do interior, uma Igreja e a Prefeitura ou a Câmara dos Vereadores, ou os três. É comum também que nesta praça termine ou se inicie a avenida principal. E é nesses pontos centrais, em torno dos símbolos do poder, que reside a classe dominante de Santa Fé.

Boa parte da alta sociedade de Santa Fé, embora em discurso construísse a ideia de uma origem lusitana, tinha de fato origem indígena. Ser de origem portuguesa, negando parte de sua raiz, para os estanceiros ricos, significava ter um passado de dominador, de metrópole, e não de um passado de dominado, um passado de um povo que, portador de técnicas rudimentares de guerra, foi derrotado pelos portugueses. O Coronel da Guarda Nacional e presidente do Clube do Comércio até a virada do ano de 1909 para 1910, Cacique Fagundes, por exemplo, tinha “um rosto largo e bronzeado de bugre”. (VERISSIMO, 2005d, p. 170) Essa observação, dentro de O Retrato, revela que Erico Verissimo não tinha uma visão da constituição do Rio Grande do Sul como meramente bandeirante ou açoriana. Se a classe dominante de Santa Fé tem origem indígena, o que seria natural, devido à proximidade geográfica com a região missioneira, dentro de uma sociedade que privilegia o branco europeu, então essa classe dominante tenderá a criar uma identidade que escamoteará a verdadeira origem, mesclando-a com um mito.

Nem só os extremos sociais estão presentes em Santa Fé. Acompanhando o desenvolvimento urbano com o crescimento do comércio e da presença do Estado, surgia uma classe média, nem grandes proprietários e nem completamente despossuídos. Nascia uma elite relacionada ao setor público, ou às profissões liberais, formando uma classe média alta, “integrada por pessoas que, embora não possuíssem fortunas particulares nem tradições, gozavam da importância do cargo que ocupavam ou de algum título que possuíam.” (VERISSIMO, 2005b, p. 163). Eram juizes, oficiais, médicos e advogados. A origem social destes grupos era diversa, poderia ser a dos estanceiros economicamente decadentes, ou mesmo de ex-escravos ou filhos bastardos de um estanceiro que viram no estudo e no emprego público uma forma de ascensão social. Estes, mais os funcionários menos especializados ou sem formação acadêmica, formavam um corpo burocrático. Entretanto, a burocracia estatal estava mais a serviço dos coronéis e “patrões” estanceiros do que ao que poderíamos entender como Estado Moderno. É preciso lembrar que as vagas no serviço público, naquela época, não eram ocupadas por meio de concurso público, e sim, por indicações. Então, o emprego tornava-se uma moeda política. O político construía sua clientela de empregados públicos. Em Santa Fé, pertencer ao círculo de amigos de Titi Trindade, por exemplo, era uma possibilidade de ter um emprego municipal.

Além de uma classe média alta, de funcionários públicos detentores de cargos de chefia, e de profissionais liberais, aos poucos, em Santa Fé, com o desenvolvimento do comércio, da indústria e do Estado, seja na sua forma local, ou na sua forma central, surge um grupo de funcionários que irão compor uma classe média baixa, “funcionários públicos, sempre muito mal pagos, uma série de pessoas de profissão incerta, e principalmente uma legião de empregados do comércio.” (VERISSIMO, 2005d, p. 163) O Estado, mesmo que a serviço de interesses de estanceiros, como Titi Trindade, já é presente na sociedade, embora não a represente.

A composição da sociedade de Santa Fé, acompanhando as transformações econômicas e mesmo políticas, modifica-se, diversifica-se. Uma nova sociedade surge em Santa Fé. Ela é composta por diversos setores econômicos que representam

interesses diversos. Entre estanceiros e empregados domésticos, herdeiros do escravismo, surge a classe média, os altos escalões do funcionalismo público, passando pelos profissionais liberais, aos menos desprovidos de influência para conseguir cargos melhor remunerados. É uma sociedade mais complexa que a sociedade presente em O Continente. Nem as classes dominantes nem as dominadas constituem-se de forma homogênea e com interesses em comum.

Aspecto político

Gradativamente, em O Retrato, o jogo da disputa pelo poder local constrói-se em referência ao jogo pelo poder central. Se em O Continente, nos primeiros episódios, o Estado, para personagens como Maneco Terra ou Juvenal Terra, parecia uma mera abstração, ou ainda se personificava na figura do Imperador, agora, a sucessão presidencial é motivo de rivalidades locais. As famílias econômica e politicamente ativas em Santa Fé, agrupam-se em torno de dois nomes. Um, que significa a defesa do progresso industrial, que é Rui Barbosa, e outra, que é a manutenção do coronelismo, que é a candidatura de Hermes da Fonseca.

O poder central, já não mais nas mãos dos militares positivistas, assume a defesa da agro exportação, rompendo com o próprio positivismo industrialista. Rodrigo, com aspirações modernizadoras, influência da Europa, e, mais especificamente da França, opõe-se ao rumo da República e é por isso que apoia Rui Barbosa. O Estado, para as classes dominantes, passou a ser presente e influente, não mais como mero recrutador de soldados ou cobrador de impostos, mas como local da própria disputa pelo poder. A ação estatal central passa a interferir mais diretamente nos interesses dos estanceiros de Santa Fé.

Participando da composição do Estado central, o Rio Grande do Sul, já nos primeiros anos de República, ganhou expressividade política. No romance, a expressão do poder do Estado no governo federal é representada pela personagem Pinheiro Machado. Este, enquanto articulador político, faz parte da escolha dos candidatos a

presidente. Assim, a disputa intraclasse pelo poder local de Santa Fé é também uma disputa pelo poder central. Fazer parte da política regional é integrar-se à política nacional.

As mudanças em Santa Fé não são resultados apenas das vontades e atitudes do de seus líderes locais. A própria política do microcosmos cidadão transformou-se. Maragatos e pica-paus, na década de 1910, não estão mais em disputa em torno das lideranças locais, mas em torno de Rui Barbosa e o Marechal Hermes da Fonseca. As alianças locais em torno de lideranças regionais ou mesmo nacionais fazem com que as divergências do passado sejam esquecidas ou escondidas. É o apoio a Rui Barbosa que os republicanos dissidentes, os Cambarás, antigos pica-paus, passam a reunir-se com os federalistas, antigos maragatos. É o que permite a Licurgo Cambará reunir-se com os Amarais enquanto José Lirio, o Liroca, aproxima-se de Rodrigo Cambará. Articular-se em torno de Rui Barbosa significa também opor-se ao domínio de Titi Trindade, republicano defensor da candidatura de Hermes da Fonseca.

Quando Rodrigo volta formado para Santa Fé, o Coronel Trindade, Intendente, é o novo “dono” da cidade. Seu domínio sustenta-se pelo cofre da Intendência, marcando uma apropriação do patrimônio público para fins pessoais, e pela relação de clientelismo com os delegados, subdelegados, a política e o funcionalismo municipal. Há também uma força repressora extraoficial, como seus capangas, alguns oriundos de outros municípios, como Soledade. Exemplo é o matador de aluguel Dente Seco, que foi contratado para intimidar Rodrigo Terra Cambará. Entretanto, é significativo que os Trindades não dominem o Clube do Comércio, cuja administração está nas mãos da sua oposição: democratas, republicanos dissidentes e federalistas. Apesar de os Trindades governarem também pela força da “capangada”, de seus leões de chácara, de seus assassinos de aluguel, a existência do Clube do Comércio, que está além do alcance do domínio dos Trindades, revela que há a necessidade de um jogo político a ser seguido e respeitado. O clube do Comércio representa uma elite econômica que, justamente por não ser homogênea, tem suas partes buscando o poder político.

Outra transformação importante é que a política já não ocorre mais pelo monopólio de uma família ou outra. A família Trindade é dominante em Santa Fé, mas não é hegemônica. Não há apenas uma família no jogo do poder como eram os Amarais, nem apenas duas famílias rivais, como eram os Amarais e os Terra Cambarás mas várias famílias, agora, reunidas em grupos. Os Cambarás, para poder fazerem oposição à tirania de Titi Trindade, não podem mais contar somente com seus peões do Angico ou seus empregados do Sobrado, precisam aliar-se aos Fagundes, aos Prates, aos Macedos ou mesmo aos Amarais.

Essas transformações na estrutura política de Santa Fé também significam uma mudança nas relações entre os representantes e os representados. Se em O Continente, o dirigente impunha-se aos seus dirigidos, como um patriarca governando sua família, em O Retrato, existe um jogo de poder, que é o clientelismo. Além do jogo político formal, claro e regular, existe também, em Santa Fé, a política da troca de favores. O cliente é aquele que recebe um benefício, um auxílio, seja por emprego, seja uma concessão para um negócio, ou mesmo um bem material. Mas receber um benefício é também fazer uma dívida com o benfeitor. E essa dívida um dia será cobrada. E será, principalmente, em épocas de eleições. A relação de clientela não ocorre somente dentro da esfera estatal, como é o caso dos clientes de Titi Trindade. Os participantes do jogo procuram, de uma forma ou de outra, intencionalmente ou não, construir uma rede de relações clientelísticas.

Os Cambarás também constituem clientela. Podemos pressupor que os que recebem assistência de Rodrigo, seja na forma de auxílio à saúde ou algum alimento ou roupa, gratos, serão seus eleitores. E, entre estes clientes, com seus apadrinhados, o laço é maior. Por meio do favor e da benfeitoria, Rodrigo presta um serviço que releva a sua imagem pessoal. Mesmo quando passar a atuar diretamente na política, é essa imagem que prevalecerá.

Entretanto, a prática de Rodrigo diferencia-se das relações de clientela entre Trindade e seus partidários, ou entre os Amarais e seus governados tal qual era em O

Sobrado. A prática de Rodrigo não é pautada nem legitimada por meios violentos. Enquanto Trindade, além da troca de favores, mantém-se no poder também por meio da coerção física. E Rodrigo legitima-se com presentes, com assistência e apadrinhamentos. Rodrigo é participante da vida social de Santa Fé, tanto em sua esfera da alta sociedade quanto da baixa.

As mudanças no jogo político de Santa Fé não significam uma passagem para o mundo democrático. Além das relações de clientela, o voto cabresto é a marca do processo eleitoral. É a personagem Rodrigo quem denuncia as práticas eleitorais coronelistas em que até os mortos votam. E ele resume a política nacional e estadual da época: “em suma, no Rio Grande do Sul as eleições se fazem a bico de pena!” (VERISSIMO, 2005c, p. 109) Nas práticas eleitorais do período, como o voto era descoberto, que ficou conhecido como cabresto (corda de couro que serve para prender ou controlar um boi ou vaca), e as urnas eram controladas pelos coronéis, era comum haver mais votos que votantes e que determinados candidatos ganhassem uma eleição com maioria quase absoluta de votos.

Mesmo com poucos tumultos, a eleição de Hermes da Fonseca, em Santa Fé, foi caracterizada pela fraude. Durante as votações, ocorreu um conflito que resultou na morte de três eleitores, incluindo o Dente Seco, assassino contratado por Trindade para intimidar Rodrigo.

As transformações políticas em Santa Fé não chegam a significar uma radical mudança na relação entre uma elite política e as bases, uma ampliação da representatividade no poder. O distanciamento entre as elites e as bases não ocorre somente no plano da filosofia política. Como seu pai Licurgo em relação aos escravos que libertou, Rodrigo tem uma relação com as classes dominadas pautada numa abstração:

Rodrigo comovia-se (...) diante da miséria descrita em livros ou representada em quadros; posto, porém diante dum miserável (...) ficava tomado dum misto de repugnância e impaciência. Achava impossível amar a chamada “humanidade sofredora”, pois ela era feia, triste e

malcheirante (...), teoricamente, amava os pobres. (VERISSIMO, 2005d, p 28).

Por mais que Rodrigo fosse favorável e simpático às classes dominadas, a aproximação ou ocorria em função de um vínculo clientelista ou de uma forma romantizada que, em contraste com a realidade, mostrava suas contradições.

Em suas práticas políticas, Rodrigo Cambará mostra-se uma personagem contraditória. Se, por um lado, preocupa-se com os subalternos, por outro, não tem interesse real em conhecê-los, em ouvi-los. As contradições pessoais de Rodrigo Terra Cambará representam também as contradições de uma elite política que concede favores e benefícios a sua rede de apadrinhados, como também está pronta para reprimir com violência qualquer manifestação, legítima ou não, por direitos e cidadania. É o mesmo Rodrigo que presta assistência econômica para uma família alemã de músicos, que doa alimentos e remédios aos pobres, que obriga um negro a imprimir seu jornal e que não mede as consequências de seu ímpeto sexual. E é também a mesma personagem que se engajou contra a tirania de uma intendência coronelista e que fará parte de um governo ditatorial do Estado Novo.

Em Santa Fé, classe dominante, enquanto grupo detentor dos meios produtivos, é representada pelos estanceiros, comerciantes ou industriais, que disputavam o poder político. Os grupos políticos não representavam, nem necessariamente os interesses da categoria, muito menos uma filosofia política. A política acontecia, não por meio de ideias, mas de pactos, de alianças. Cada chefe político, para conquistar o poder, ou mantê-lo, deveria manter uma ampla rede de relações sociais. Os chefes de família e de clientela, os clãs, consistiam em “uma força política considerável, uma vez que contava com um grupo de eleitores certos: amigos, parentes, protegidos, peões, agregados e posteiros.” (VERISSIMO, 2005d, p. 161) Enquanto as classes dominantes agrupavam-se politicamente em torno dos partidos do Republicano ou Federalista, as classes dominadas, agregadas a estes, mais por questões de favor, vínculos pessoais e afetivos que por consciência política. Os estratos economicamente inferiores são inseridos na

disputa pelo poder entre os estratos superiores, e acabam participando de um jogo de relações pessoais que se sobrepunham aos interesses propriamente políticos.

É assim Rodrigo Terra Cambará, síntese de um projeto modernizador que carrega o peso da tradição. Ele quer mudanças tecnológicas para a sua cidade, quer transformações políticas, mas essa modernidade não chega a significar uma efetiva democracia cujos direitos do cidadão não sejam uma mera concessão por apadrinhamento.

A mistura da política com interesses pessoais é resultado e resulta na ausência de uma filosofia política norteadora da ação política. É resultado na medida em que são as práticas de clientela que ocupam um outro tipo de orientação de ação. Por outro lado, o pessoalismo é incompatível com um sistema de pensamento que esteja priorizando o coletivo. O pensamento político resultante entre os ilustrados da elite política, como é o caso de Rodrigo Cambará, não são mais do que fragmentos recolhidos de obras clássicas. Em seu diálogo com Jairo Bitencourt, o militar positivista, ele mal saberia dissertar sobre os autores que gostava de citar.

A ausência de uma filosofia política também resulta em uma ausência de uma cultura política. Entre os estanceiros, a política girava em torno de nomes e cores de lenço, como que por atributos mágicos. A cor do lenço valia por um discurso, assim como a fidelidade a um nome ou a uma facção. Essa precariedade de um pensamento político permite aproximações e afastamentos entre os grupos, mesmo que isso aparente contradição.

Entre as classes dominadas, a ausência de uma cultura política escondia a própria dominação. O partido do operário, do empregado era o partido do patrão ou do padrinho. Conforme o narrador de *O Retrato*, “quando se perguntava a um caboclo se era maragato ou pica-pau, com frequência se ouvia a resposta: Sou gente do coronel Fulano” (VERISSIMO, 2005d, p. 161). Aos clientes e parentes pobres, o partido e suas

ideias pouco importavam. A política, para os subalternos, era mais emoção e simpatia que disputa de interesses.

O Estado, em *O Retrato*, embora em transformação, está longe de ser democrático. Não apenas por seus mecanismos eleitorais fraudulentos ou por não haver espaço para uma cultura política ou prática que inclua ou represente a classe dominada. É que seus membros, os que o disputam o controle, têm uma visão abstrata do homem do povo. Rodrigo, como já vimos, vê o homem despossuído como aquele que necessita de caridade, mas preocupa-se com aquele apenas enquanto uma abstração. O Exército, representado por um positivista e um futuro integralista, entende o povo como uma massa de ignorantes incapazes de participação política.

E o subalterno acaba não percebendo a necessidade de separação entre o público e o privado, pois, para ele, é uma personagem, é uma figura, seja na forma de Rodrigo Cambará ou na de Titi Trindade, que lhe satisfaz demandas básicas, e não um corpo burocrático impessoal. Por não participar do jogo político, sem identificação com o Estado, não têm uma vivência política que possa resultar em uma cultura. É dessa forma que Erico Verissimo nos apresenta as camadas despossuídas, por meio de visões externas, ou como referência histórica, no caso dos movimentos messiânicos. Eles estão presentes no romance, e, embora sem voz, sem protagonismo, são fundamentais, tanto na construção da história como na própria capacidade de manter funcionando a cidade e as propriedades dos estanceiros. Não são ativos, alguns nem nome possuem, mas estão fazendo, por exemplo, o Angico e o Sobrado funcionar.

O Estado, enquanto poder local, em Santa Fé de *O Retrato*, não é representativo da sociedade como um todo, nem de uma classe específica. A ausência de uma cultura política, de uma impessoalidade no jogo político impede que se exerça a cidadania. O cidadão de Santa Fé é aquele que está vinculado à figura pessoal do ocupante do governo. E isso vale para todas as camadas sociais votantes. O fato dos Cambarás, os Prates ou os Trindades oparem o poder não significa que este é da aristocracia rural como um todo, que a Intendência de Santa Fé é uma mera formalização do poder de

uma classe dominante. Existem as disputas intraclasse que se refletem na disputa pelo poder. São os estanceiros que disputam o poder em Santa Fé, e eles não estão articulados a interesses de classe, mas em torno de esboços de ideias políticas e nomes de personalidade. Os novos setores econômicos, como o comércio ou a indústria, ganham peso político ao fazer parte do Clube Comercial, mas ainda estão fora do jogo pelo poder estatal.

A configuração social dos grupos na disputa pelo poder tem reflexo no Estado. Em *O Retrato*, existe uma máquina burocrática estatal que não se confunde mais com os bens privados. A Intendência não é mais propriedade de um coronel. Entretanto, ainda é de um grupo específico, os estanceiros de Santa Fé. E entre estes, há a necessidade do acordo, da cooperação e da legitimação para a permanência no poder. Para Jaques Leenhardt, em *O Retrato*, temos a “passagem do modo de poder familiar à gestão pública e abstrata do poder no campo político em vias de ser gestado.” E o espaço público é “constituído por três elementos: ideias abstratas, contrato e despersonalização das relações.” (LEENHARDT, 2001, p. 128) Entretanto, isso ainda está em gestação, o Estado Moderno, impessoal, só poderá desenvolver-se plenamente quando não houver mais práticas clientelísticas e as políticas públicas deixarem de ser uma prática de boa vontade. O momento político de *O Retrato* é de Rodrigo Terra Cambará, que representa uma transição de cultura e de ação política. Mas é por isso que a despersonalização da administração pública necessita, para realizar-se, da superação das práticas personalistas de Rodrigo.

Aspecto cultural e modernização

Acompanhando as transformações políticas e tecnológicas, os habitantes de Santa Fé também vivenciam uma transformação cultural. Um mundo de relações pré-capitalistas e de uma vida rústica, com pouca tecnologia, cede lugar outro de progresso científico e tecnológico, regado por relações capitalistas e burocráticas.

Rodrigo Terra Cambará pontua estas transformações. A sua volta a Santa Fé, em Chantecler, após formado em Medicina, é por meio de um trem. As antigas estradas de transporte por animais de tração foram trocadas por uma estrada de ferro. O cavalo cedeu lugar ao trem movido a carvão. Ao longo de *O Retrato*, num período de uns quatro anos da narrativa, Rodrigo e outros estanceiros locais passam a adquirir automóveis, chegando a estabelecer uma concorrência entre eles pelo que tivesse o automóvel mais recente e moderno. Para acompanhar as mudanças, a cidade também se moderniza: a rua do Comércio, centro da Cidade e principal rua, onde “ficavam o Clube Comercial, a Confraria Schnitzler, o Centro Republicano e as principais casas de negócio.” (VERISSIMO, 2005c, p. 122), é calçada com paralelepípedo, substituindo o chão batido.

A troca do cavalo pelo automóvel, dentro de um mundo dominado por estanceiros, significava que as mudanças também eram de mentalidade, e que o velho mundo tradicionalista estava em transformação. Os antigos hábitos, de banhos frios no inverno, de renúncia ao conforto, mesmo para estanceiros ricos, e da palavra ou do “fio de bigode” como garantia em negócios, estavam desaparecendo. Entre o Capitão Rodrigo e seu filho Bolívar, ou seu neto, não havia diferenças significativas de valores e comportamento, mas as personagens deste mundo que desaparece, Fandango, Licurgo ou Aderbal Quadros, o Babalo, eram de uma geração diferente da de Rodrigo. A confirmação da falência de Babalo, por fazer empréstimos sem garantias formais e sem uso da burocracia do papel, era uma amostra disso. O sogro de Rodrigo, Babalo, com sua ética anticapitalista, entende que o lucro é roubo (VERISSIMO, 2005d, p. 151) e é a figura do rico arruinado. Babalo havia enriquecido com trabalho de tropeiro. Fez fortuna e passou a fazer parte da alta sociedade de Santa Fé. Mas como não tinha uma mentalidade capitalista, não conseguiu manter suas posses.

O mundo em que vivia Babalo não tem um capitalismo desenvolvido. Embora Santa Fé do início do século XX já tivesse comércio e sua classe dominante, em busca do lucro, estivesse dentro de um circuito comercial, não havia nenhuma grande atividade comercial, financeira e muito menos industrial. A forma não consumista e rústica de vida de até então não permitia o desenvolvimento do capitalismo, que, em

essência, necessita do consumo de mercadorias. Entretanto, ironicamente, em meio às modernizações, a população ainda recorria a práticas mágicas. É o caso do índio Taboca, chamado ao Sobrado para curar o negro Antero, que fora picado por uma cobra. Como Rodrigo não tinha remédios suficientes na farmácia, teve de recorrer, com sucesso, ao curandeiro.

Representando um novo mundo, Rodrigo, o dândi, como ele próprio se referia, mostra a mudança em sua forma de apresentar-se, vestia-se com gravata, chapéu, roupas feitas por alfaiates de Porto Alegre, o que contrasta com os demais habitantes de Santa Fé, que se vestiam com trajes próprios para montaria. Considerando-se o novo, fala para Toríbio: “O mundo do papai é um mundo que está morrendo. Eu pertencço ao século XX.” (VERISSIMO, 2005, p. 135) O mundo do século XIX é o mundo do gaúcho originário, fundador da tradição, como Fandango, Licurgo e o sogro de Rodrigo, Babalo. Mas ele, segundo Rodrigo, é também selvagem e retrógrado, é o mundo dos coronéis, dos patriarcas, dos capangas e valentões.

A própria formação de Rodrigo representa uma mudança na mentalidade dos habitantes de Santa Fé. O estudo formal passou a ser valorizado. Licurgo teve como professores o médico Karl Winter, o juiz Nepomucemo, o Padre Otelo e o capataz Fandango, já a nova geração de estanceiros, como Rodrigo ou Terêncio Prates, teve uma educação letrada e formal. Os estanceiros tradicionais, quase sem estudos, mandavam seus filhos para estudos na capital e compravam livros, formando bibliotecas. Formavam-se em Medicina ou Direito. Estudar também significava destacar-se, elevar-se sobre os demais. Nesse sentido, Terêncio Prates destacava-se em relação a Rodrigo, pois, além de estudar, foi à França, principal referência cultural, formar-se em Sociologia. O estudo e a cultura se valorizavam. Possuir diploma e biblioteca passou a ser uma forma de status.

Considerações Finais

O tempo, em *O Continente*, estende-se por três séculos, mas as transformações são pouco visíveis. Em *O Retrato*, embora abrangendo pouco período de tempo, as mudanças são mais acentuadas. Se o tempo cronológico, dentro da obra, parece desacelerar, o mesmo não ocorre com as mudanças de caráter tecnológico e político. A cidade de Santa Fé passa por um processo de modernização que inclui calçamento, estabelecimento de jornais, rádios e até mesmo cinema, em sincronia com a nascente indústria cultural.

A política na cidade também se transforma. Antes, uma família ou duas disputavam o poder. Com a diversificação social da camada economicamente dominante de Santa Fé, a manutenção do domínio político necessita realizar-se por meio de alianças e favores. O novo jogo político permite uma alternância no poder, dos Cambarás para os Trindades, e destes, para os Cambarás novamente, embora de forma indireta. Essa alternância não existia na época do domínio dos Amarais.

As transformações em Santa Fé não são necessariamente boas ou más, a História, na narrativa, não é uma linha reta em progresso. Nem o passado nem o presente são melhores. A forma com que Erico Verissimo reflete sobre a história não é otimista nem construtora de identidade. Para Sandra Pesavento,

O Retrato é um livro que trata de perdas e derrocadas. Ao tratar da mudança, inverte as temporalidades, pondo ceticismo no novo e colocando a questão da possibilidade ou não de salvar o tempo passado. É por este viés que encaminhamos a leitura desta segunda parte de “O tempo e o vento”, publicado em 1948, por Erico Verissimo. (PESAVENTO, 2001, p. 89)

Passado e presente, em *O Retrato*, não estão em relação de harmoniosa linearidade. O novo, que não é necessariamente melhor que o antigo, para que possa nascer, deve romper com o passado, entretanto, não pode, em absoluto, negar sua herança.

E Santa Fé é como um microcosmo que funciona como síntese, não só da história do Rio Grande do Sul também como do Brasil. A personagem Rodrigo Cambará, em sua

trajetória, dentro do romance, integra sua cidade natal à nação. Como consultor da Intendência, ele inicia sua carreira política, que terminará como participante do governo de Getúlio Vargas no Estado Novo. Seus anseios modernizadores para a sua cidade são também os anseios para a modernização do país.

O texto inicia e termina com a volta de Rodrigo Cambará, da capital federal à provinciana Santa Fé. Rodrigo Terra Cambará não é apenas a ligação do pedaço de território perdido num Continente, perto de Rio Pardo, a um mapa definido do território brasileiro, é também a ligação de um microcosmo a um globo. Além de sua paixão por Paris, ele acompanha os acontecimentos que resultarão na Primeira Guerra Mundial, enquanto seu país está preocupado com os conflitos nacionais ou regionais.

Esse vínculo de Santa Fé com o Brasil e o mundo, estabelecido por Rodrigo, não ocorre como uma ruptura radical com as antigas tradições, nem de forma coerente com um projeto de modernização política que incluiria o acesso ao jogo político pelas classes dominadas. As contradições da personagem são as contradições da elite modernizadora e mesmo do próprio processo modernizador. Rodrigo representa o novo, o moderno, mas não deixou de representar também as antigas classes dirigentes. Mesmo rompendo com o pai ou o irmão, típicos estanceiros do sul, não deixou de pertencer à mesma classe. Assim, a forma que ele percebe os menos favorecidos economicamente é abstrata. Com os moradores dos bairros pobres ele não tem preocupação de incorporá-los à política, mas em prestar-lhes serviços gratuitos. A solução à pobreza torna-se mais uma questão pessoal que um problema político.

A antiga classe dominante rural, representada por Rodrigo, transformou-se, modernizou-se, não só trocou de hábitos como também diversificou sua atividade econômica.

Desde Licurgo, em O Sobrado, a classe dominante incorpora-se à máquina estatal. Com Licurgo, ao poder local, e, com Rodrigo, ao poder central. Entretanto, o caráter estatal é diferente nos dois casos. Com o pai, ainda é um Estado que se confunde com

o poder patriarcal, e, com o filho, um Estado Moderno que ainda preserva traços do Estado patrimonial.

O termo do título, O Retrato, tem duplo sentido, um, literal, de ser o retrato de Rodrigo Cambará, e outro figurado, de referir-se ao retrato de uma classe social representada pelo protagonista. E esse retrato, embora pintado a óleo, assemelha-se a um mosaico. As ideias políticas, as posturas, as classes e a vida econômica não formam um todo homogêneo e nem são bem definidas, com um contorno preciso. As ideias políticas de determinados personagens não chegam a tornarem-se sistêmicas. E Rodrigo Terra Cambará, principalmente, não é portador de um discurso sólido e coerente. Suas ideias apresentam a forma de um mosaico, composto por fragmentos de filosofias políticas e leituras dispersas de clássicos da literatura universal.

É significativo que O Retrato inicie e termine com dois dos três filhos de Rodrigo, um, o comunista Eduardo, e outro, Floriano, o liberal político. De certa forma, ambos representam duas posturas políticas rivais que irão marcar a segunda metade do século XX. De um lado, a defesa de um governo centralizado, fortemente burocratizado e com economia planificada, de outro, a de um governo democrático, aberto à participação popular e menos burocratizado.

Referência

BETTIOL, Maria Regina (org). **Erico Verissimo: muito além do tempo e o vento**. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

BINS, Susana. **Floriano Cambará: personagem de O Tempo e o Vento**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BORDINI, Maria da Glória (org). **Lukács e a Literatura**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

_____. Forma e Materialidade Histórica. In: BORDINI, Maria da Glória (org). **Lukács e a Literatura**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

_____. Caderno de Pauta Simples. **Erico Verissimo e a Crítica Literária**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2004.

____. O Continente de São Pedro: éden violado. In: BORDINI, Maria da Gloria e ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. 37ª edição.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: um longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CHAVES, Flávio Loureira. **Erico Verissimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre: Globo, 1976.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro**. Porto Alegre: Globo, 1958.

____. **Existe um Pensamento Político Brasileiro?** São Paulo: Ática, 1994.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001.

____. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FÉLIX, Loiva O. **Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política**. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipat, 2003.

FONSECA, Orlando. **O retrato e a identidade**. In: GONÇALVES, 2000.

HELENA, Lucia. Figuração e questionamento da nação em *O Tempo e o Vento*. In: BORDINI, Maria da Glória. **Caderno de Pauta Simples, Erico Verissimo e a Crítica Literária**. Porto Alegre: IEL, 2005.

HOHLFELDT, Antônio. **Erico Verissimo**. Porto Alegre: Tche/RBS, 1984.

KÜM, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura Século XXI, 2007.

LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

____. A memória da terra: missão feminina. In: PESAVENTO, Sandra. **Erico Verissimo: O Romance da História**. Porto Alegre: Nova Alexandria, 2001.

SOUSA, Célia. A representação do espaço na obra de Erico Verissimo. In: GONÇALVES, Robson (org.). **O Tempo e o Vento: 50 anos**. Santa Maria: UFSM, 2004.

TORRESINI, Elizabeth. **História de um Sucesso Literário: Olhai os Lírios do Campo de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Literalis, 2003.

VELOSO, Maria e MADEIRA, Angélica. **Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento: O Retrato I**. São Paulo: Cia das Letras, 2005c. 3º edição.

____. **O Tempo e o Vento: O Retrato II**. São Paulo: Cia das Letras, 2005d. 3º edição.

____. **A liberdade de escrever**. Porto Alegre: UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

ZILBERMAN, Regina. História, Mito e Literatura. In: BORDINI, Maria da Glória e ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004a.

____. **Saga Familiar e História Política**. In: **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004b,

____. **O Romance Histórico: teoria & prática**. In: BORDINI, Maria da Glória (org). **Lukács e a Literatura**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

Recebido em setembro de 2023
Aceito em novembro de 2023